

No aniversário de Elis Regina,  
Juarez Fonseca reflete  
sobre as conversas com uma  
das vozes inesquecíveis da  
música brasileira



reportagem cultural

Juarez Fonseca, especial para o JC

Na próxima segunda-feira, 17 de março, Elis Regina completaria 80 anos. Como ela seria hoje? Uma tranquila vovó coruja dos netos Rafaela, Antônio, Alice, Arthur e André, nascidos de seus filhos João Marcelo, Pedro e Maria Rita? Ou uma vovó na dela, ainda em atividade, como seus contemporâneos Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Maria Bethânia, Ivan Lins? Difícil saber - embora o temperamento básico das pessoas não mude essencialmente ao longo da vida. Percorrendo a narrativa deste jornalista, se entenderá um pouco da essência de Elis, sabida por quem a conheceu mais ou menos de perto. Vinicius de Moraes a chamava de "Pimentinha".

Ela morreu muito cedo, aos 36 anos, 20 de carreira, mas tempo suficiente para chegar ao futuro como a maior cantora da história da música brasileira. Depois de lançar compositores como os citados acima, e Milton Nascimento, Belchior, João Bosco/Aldir Blanc, entre tantos, nos últimos anos estava interessada em fazer o mesmo com novos nomes da música do RS. Em 1980, gravara *Moda de*

*Sangue*, de Jerônimo Jardim e Ivaldo Roque. No ano seguinte, participou do LP de Raul Ellwanger cantando *Pequeno Exilado*. Pediu para que os gaúchos lhe mandassem fitas.

O iniciante Vitor Ramil fez isso, mas a gravação era ruim e Elis mandou a ele um telegrama pedindo que enviasse outra fita. De São Paulo, a maior cantora "simplesmente" telegrafa ao jovem pelotense. Ela certamente gravaria Vitor e mais gaúchos se não tivesse se despedido em 19 de janeiro de 1982. Mas vamos à narrativa.

Era agosto de 1974 e eu estava diante dela pela primeira vez. Veio a Porto Alegre com o show que antecedia o lançamento de um de seus melhores discos, aquele que tem *Conversando no Bar*, *Ponta de Areia*, *Maria Rosa*, *Dois Pra Lá Dois Pra Cá*. Naquela época ainda não tinha essa história de os grandes nomes só excursionarem depois de saírem os discos. Também não era tempo de só um show ou dois, como agora. Eles ficavam quatro, cinco dias, uma semana, no Teatro Leopoldina (depois Teatro da Ospa, até ser fechado em 2008). Podia-se conversar com mais calma, como eu começava a

fazer, no hotel, no dia seguinte ao da estreia do show.

Houve empatia. Falamos sobre o show e comentei que a música nova de Milton Nascimento e Fernando Brant, que ela estava lançando, me impressionara. Era *Conversando no Bar* (*Saudade dos Aviões da Panair*). Perguntou se eu queria a letra, pegou uma folha de meu bloco de anotações e a escreveu: "*Lá vinha o bonde no sobe e desce ladeira/ E o motorero parava a orquestra um minuto/ Para me contar casos da campanha da Itália/ E do tiro que ele não levou/ Levei um susto imenso nas asas da Panair/ Descobri que as coisas mudam/ E que tudo é pequeno nas asas da Panair...*". Elis tinha uma letra muito bonita, clara e segura. Claro que até hoje guardo aquela folha como uma relíquia.

Enquanto Elis escrevia, cantarolando, eu a olhava e o tempo andava para traz. Para uma época, depois do *Clube do Guri* (veja mais adiante), início dos anos 1960, em que eu a ouvia na Rádio Gaúcha, cantando no programa *Campeões da Semana Eucalol*, uma parada de sucessos com vários cantores e orquestra. Naquele trecho de minha memória

ela cantava a versão de *Tonight*, de Johnny Mathis. Depois veio a primeira gravação e o primeiro sucesso, *Dá Sorte*, de Eleu Salvador (ator de novelas da Gaúcha que se revelava como compositor). Depois Rio, São Paulo, os festivais, a TV Record, *O Fino da Bossa*, aquilo tudo, ela explodindo.

O teipe d'*O Fino da Bossa* era apresentado pelo Canal 12 nos domingos à noite, um horário que eu não trocava por nada. Adorava Elis, tinha orgulho dela. E agora ela estava ali, na minha frente, falante, feliz com o disco especial que lançara naquele ano, *Elis & Tom*. Com o novo show. Com César Camargo Mariano, seu marido e maestro. Com a vida. Elis usava cabelos encaracolados e ria por qualquer coisa. Quis saber minha opinião sobre determinada parte do show, que achava poder melhorar. A entrevista saiu numa página central de sábado, título: "*Eu tô legal*".

Novos encontros em 1976 e em 1977. Em 77 ela voltou para a estreia nacional em Porto Alegre de *Transversal do Tempo*, show que carregava a responsabilidade de suceder o mega-sucesso *Falso Brilhante*, de 75/76, apresentado apenas em São Paulo e Rio. No

dia do primeiro ensaio geral, no Teatro Leopoldina, ela me ligou: "Vem pra cá". Pediu palpites e avisou que eu passava a integrar informalmente a equipe de produção, encarregado de informar onde-conseguir-tal-e-tal-coisa-nacidade. Para completar, a revista *Veja* me pediu um comentário do show, publicado em página inteira, fato importante para um repórter da província.

*Transversal do Tempo* fazia contraponto ao exuberante e meio autobiográfico *Falso Brilhante*. Elis dava um giro. A mesma *Fascinação* que encerrava *Falso Brilhante* em clima de apoteose, ironicamente abria o novo show. *Transversal* era sobre as "querelas do Brasil", político, pesado em *Deus lhe Pague*, *Sinal Fechado*, *Construção*, *Cão sem dono*. Ela cantava *Romaria* vestida de Nossa Senhora e *Saudosa Maloca* vestida de operário. Ficou duas semanas em cartaz e fez as pazes definitivas com a cidade: frequentou restaurantes, foi a festas, passeou, deu muitas entrevistas. No fim, aeroporto, "obrigada por tudo, beijo, vamos ver se nos escrevemos".

Não nos escrevemos.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Theatro São Pedro fecha para continuar existindo

O documento oficial, cuja cópia digitalizada está numa parede do café da instituição, conta que um punhado de “homens bons”, expressão da época para se referir à elite social, incluindo políticos, comerciantes e industriais, convenceu o então Presidente da Província do Rio Grande do Sul a conceder um terreno para a construção de um teatro na cidade de Porto Alegre, no alto da mesma colina em que se encontrava o Palácio do Governo. Era 1833, mas a revolução eclodida dois anos depois atrapalharia o andamento daquela obra.

Foi só em 1850 que os trabalhos foram iniciados, sendo concluídos em 1858: ambas as datas se encontram registradas nas ornamentações de ferro das portas do teatro, a primeira guardada no memorial, a segunda colocada logo na entrada do prédio, para ser vista por todos os que ali chegaram.

Passaram-se 167 anos. Sempre fico pensando o que aqueles “homens bons” teriam imaginado que aconteceria com aquele prédio, quanto duraria, para o que seria usado, o que aconteceria depois deles?

No próximo dia 23 de março o Theatro São Pedro vai fechar mais uma vez as suas portas. Provisoriamente. Felizmente. Porque já houve ameaças sérias contra o prédio. Teve pelo menos uns dois presidentes de província e/ou governadores que pensaram ser mais interessante destruir o prédio e mandar fazer outro do que recuperá-lo. Felizmente, pessoas como Eva Sopher entenderam que preservar era fundamental, e graças à sensibilidade de alguns governantes, que então se conseguiu atrair para a justa causa, o Theatro São Pedro ainda está de pé, muito sólido, com uma programação dinâmica e sempre renovada.

É significativo que neste fim de semana, a começar por hoje, em que esta coluna circula, o palco do São Pedro receba um musical oriundo do centro do País a recordar o grupo Os Paralamas do Sucesso. Mas, já na semana vindoura, quando, de fato, ocorrerá o fechamento da instituição para as necessárias obras, a programação incluía um grupo musical mais popular, uma peça de teatro que discute um tema sempre sensível, que é o da prostituição e, enfim, o Theatro São Pedro lembre a pas-

sagem dos 75 anos do primeiro concerto da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, então sob a regência do maestro húngaro Pablo Koblár, que a havia idealizado, concerto este realizado no Theatro São Pedro, com um recital da pianista Simone Leitão, que vai lembrar aquele repertório.

Esta multiplicidade de atrações diz bem do porquê da fidelidade do público. Há uma variedade constante de espetáculos, tanto em gênero quanto em idades a serem atraídas, garantindo que a plateia do Theatro nunca ficará vazia.

Por outro lado, embora possamos lamentar o fechamento de suas portas, espera-se que até junho de 2026, é de se festejar que o governador Eduardo Leite, em seus dois mandatos, tenha dado ênfase tão decidida para a cultura: depois de garantir a conclusão das obras do Multipalco, que será inaugurado no dia 27, resolveu bancar com dinheiro do erário estadual as obras no Theatro São Pedro. Deste modo, a casa guarda as características do projeto original, inclusive quanto à sua acústica, que é sempre elogiada em todo o país, mas vai incorporando, a cada etapa de suas obras, tecnologia contemporânea que revitaliza o prédio e permite a ampliação de suas atividades.

As obras que agora começam cumprem, assim, dois objetivos diversos: um deles, atende às novas determinações legais emanadas de autoridades federais, a respeito de prevenção de incêndio, depois das tragédias da Boate Kiss, em Santa Maria, e do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Isso significa uma intervenção em carpetes, pano de boca, forrações de poltronas, madeirames e tudo o mais da estrutura interna do teatro.

O outro objetivo é de cidadania. As obras vão ampliar a acessibilidade para cadeirantes, com disponibilidade de espaços para eles e seus acompanhantes na plateia; banheiros preparados para recebê-los e, sobretudo, um elevador que cobrirá os espaços entre o memorial do teatro e seu café.

Por isso, pode-se ficar triste com o fechamento da casa querida, mas deve-se ficar alegre porque tal fechamento apenas evidencia que tem muita gente se preocupando e cuidando do nosso querido teatro.



Hélio Nascimento

# Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

## Alegorias em um planeta distante

O gênero da ficção-científica, no cinema, é um dos marcos iniciais. Por permitir um uso livre da fantasia, possibilitar a criação de mundos imaginários e a criação de espaços onde predomina a imaginação, tal forma de expressão esteve presente desde os primeiros anos. Entre os mais de 500 curtas-metragens que realizou, o mágico Méliès colocou nas telas, em 1902, *A viagem à Lua*, filme marcado pela comicidade e pela sátira que raras vezes voltariam a um gênero mais tarde enriquecido por obras assinadas por cineastas que iriam contribuir para a grandeza de uma arte nascida graças ao empenho humano de imortalizar um tempo e suas imagens. O sul-coreano Bong Joon Ho, que foi laureado pela Academia de Hollywood por seu *Parasita*, que recebeu o Oscar principal para um filme não falado em inglês, adquiriu prestígio suficiente para que seu novo filme, *Mickey 17*, produzido, entre outros, por Brad Pitt, contasse com recursos suficientes para a concretização de uma obra que pudesse ser vista como um exemplar significativo de uma forma de cinema. Esperava-se muito, é claro, de um realizador que antes havia demonstrado imaginação e competência para falar de elementos ocultos, mas formadores de uma realidade. Mas a obra, de certa forma é uma decepção, inclusive pelas confusões de um roteiro, que tem o diretor como um dos autores, que não permite o domínio das imagens e quase sempre recorre à palavra para tentar explicar o que está acontecendo.

Como sempre acontece no gênero, o futuro é usado como instrumento para falar do presente, seja em formato real, seja com a utilização da fantasia. O que vemos agora é uma tentativa de criticar um processo colonizador que, em nome de uma autodeclarada superioridade, ambiciona subjugar uma forma de vida tida como inferior e, portanto, segundo normas estabelecidas, indigna de merecer qualquer forma de respeito. É quando o filme se deixa levar pela ingenuidade, permitindo que um certo maniqueísmo, tão em

moda atualmente, passe a ocupar lugar relevante na trama. É só comparar o que agora é proposto com o desenvolvimento do tema em *Alien, o oitavo passageiro*, um dos grandes filmes de Ridley Scott, para que se perceba que o tema, no filme de Bong Joon Ho, é superficialmente desenvolvido. É possível mesmo constatar que o cineasta não escapa do ridículo em alguns momentos, situações em que provavelmente fique bem claro que seu prestígio alcançado em alguns setores é um dos tantos equívocos atualmente surgidos e aceitos sem contestação. Não basta domínio sobre técnicas narrativas para que floresça algo significativo.

Porém, há um elemento que merece algum destaque. Ao mesmo tempo em que denuncia - de forma superficial, é verdade - o processo colonizador, o filme lança sua crítica a uma tendência ao poder maior que procura transformar o ser humano em cobaia, ao fazer do protagonista uma vítima de um processo destinado a transformar seres humanos em objetos descartáveis depois que réplicas são construídas, o que resulta em algo inesperado pelos donos do poder. É quando filme, produzido no ano passado, antecipa figuras que hoje ocupam o noticiário. É impossível deixar de ver na figura do chefe da nave espacial a tentativa de criticar o atual presidente americano ou seu principal assessor. Certamente, por outro lado, o diretor de *Mickey 17* teria muito a aprender vendo, ou talvez revendo, neste último caso ficando revelado que ele nada aprendeu, *Doutor fantástico*, de Stanley Kubrick. O passado será sempre uma referência. Ignorá-lo abre espaço para a mediocridade ou para demonstrações de mau gosto, aqui presentes na forma como o cineasta utiliza dois intérpretes conhecidos para viver um casal dotado de poder para exterminar o diferente e o exercendo com inegável prazer. Mas a encenação deixa muito a desejar. Alguns males contemporâneos aparecem durante a ação, mas diálogos pobres e caretas constrangedoras comprometem o resultado final.

# fique ligado

## A música e a amizade dos Paralamas

O espetáculo *Vital, o musical dos Paralamas* chegará à cidade de Porto Alegre neste final de semana. Com apresentações na sexta-feira, no sábado e no domingo no Theatro São Pedro (praça Marechal Deodoro, s/nº), a peça iniciará sua turnê nacional, após ter conquistado sucessos de bilheteria no Rio de Janeiro.

Idealizada pelos gaúchos Gustavo Nunes e Marcelo Pires, a montagem pretende contar a história da banda Paralamas do Sucesso, que, no ano de 2025, completa mais de quatro décadas de amizade e músicas compartilhadas.

Além de falar sobre a trajetória musical do grupo que marcou profundamente a cena musical brasileira do final do

século XX, a obra pretende realizar uma discussão sobre amizade, e as relações interpessoais presentes entre os membros do grupo.

As apresentações na Capital

ocorrerão às 20h na sexta-feira, às 16h e às 20h no sábado e às 18h no domingo. Os ingressos estão à venda no site do Theatro São Pedro, com valores entre R\$ 42,00 e R\$ 180,00.



*Vital, o musical dos Paralamas tem sessões de sexta-feira a domingo*

## Explorando a diversidade da música brasileira

A pianista Heloísa Fernandes e o flautista Toninho Carrasqueira chegarão à cidade de Porto Alegre neste final de semana para apresentar seu novo show *Choros, Valsas e Outros Lirismos Brasileiros*. As 20h desta sexta-feira e sábado, os artistas marcarão presença no Teatro de Câmara Túlio Piva (rua da República, 575), com um repertório que conta com canções auto-raias e de outros mestres brasilei-

ros, como Pixinguinha e Moacir Santos.

Com canções que datam desde o século XIX até os dias de hoje, *Choros, Valsas e Outros Lirismos Brasileiros* promete proporcionar aos espectadores uma verdadeira viagem através do tempo, que pretende adentrar e explorar o contexto cultural de diversas épocas do Brasil.

Além das apresentações, os musicistas também promoverão

uma oficina gratuita de instrumentos, que será realizada às 14h deste domingo. Dividida em duas partes diferentes, a atividade terá como público-alvo pianistas e flautistas, que desejam aprender mais sobre os processos de técnica e criação musical. O encontro deverá ocorrer no Instituto Ling (João Caetano, 440) e terá um total de 40 vagas disponíveis, sem a necessidade de inscrição prévia.

## Di Ferrero oferece Outra Dose para os gaúchos

O artista Di Ferrero se apresentará neste sábado em Porto Alegre, em novo show da sua turnê *Outra Dose Tour*. O show no Bar Opinião (rua José do Patrocínio, 834) começa às 20h30min, com ingressos à venda no Sympla.

Conhecido por ter feito

parte da banda NX Zero desde sua formação em 2004, o artista Di Ferrero alcançou uma posição de prestígio diante do público popular. Desde que iniciou sua carreira solo, há mais de sete anos, o cantor conta com uma expressiva legião de fãs.

No repertório, estarão presentes sucessos de seu último álbum, como as faixas *Uma Bad Uma Farra*, *Um Brinde* e *Aonde é o Céu*. Sua banda conta com Ricky Machado na bateria, Bruno Genz na guitarra e Johnny Bonafé no baixo.

## Vermelho Vinil e Marmota Jazz no Grezz

O espaço Grezz (rua Almirante Barroso, 328) receberá neste sábado, a partir das 21h, o trio musical Vermelho Vinil e a banda instrumental Marmota Jazz, que já realizaram colaborações em conjunto anteriormente e agora organizam um novo concerto para firmar sua parceria.

Formado por Mariana Junges, Juliano Barreto e Wesley Araújo, o grupo Vermelho Vinil foi criado a partir do desejo de produzir releituras de canções de sucesso, adaptando-as para um som retrô, que remete ao de um disco de vinil. A banda Marmota Jazz, por sua vez, é dedicada

ao jazz, e conta com a presença de múltiplos instrumentos, como bateria, guitarra, piano e contrabaixo.

Os ingressos para o concerto estão disponíveis na plataforma Sympla, com valores de R\$ 80,00 para bilhetes inteiros e R\$ 40,00 para meia entrada.



Primeira apresentação é do Quinteto Camélia, grupo instrumental formado por mulheres

## Nova temporada dos Concertos Capitólio

A temporada 2025 da série Concertos Capitólio será inaugurada neste sábado. A partir das 11h, o Quinteto Camélia subirá ao palco da Cinemateca Capitólio (Demétrio Ribeiro, 1.085), em uma apresentação de música instrumental realizada integralmente por mulheres.

No concerto deste sábado, as cinco instrumentistas que integram o grupo musical pretendem apresentar um repertório com canções dos compositores Johann

Sebastian Bach, Wolfgang Amadeus Mozart, Chiquinha Gonzaga e Florence Price. Além disso, o show também contará com uma apresentação das Meninas Cantoras Casa da Música, que realizarão a abertura da sessão.

Integrante das celebrações que dizem respeito ao Mês da Mulher comemorado em março, o show apresentado pelo quinteto deverá possuir entrada franca, e será aberto para todos os públicos.

### Agenda

- Papas na Língua encerra turnê de 30 anos em Porto Alegre, às 22h de sexta-feira. No Auditório Araújo Vianna (Parque Farroupilha, 685), R\$ 95,00 no Sympla.
- Gravador Pub (rua Ernesto da Fontoura, 962) organiza festa de St. Patrick's Day neste domingo. Celebração tem início às 12h e conta com ingressos a R\$ 50,00, mais 1kg de alimento não-perecível, no site da casa de shows.
- Artista Marina Baggio lança novo álbum *Kissila* em show na Casa Baka Arte e Cultura (Rua da República, 139). Show neste sábado, às 20h. R\$ 45,00 no Sympla.
- Duo musical Fausto Prado e Caetano Silveira integram nova edição do projeto Obras Comentadas, discutindo o álbum *Tantos e Diversos*. Exibição online gratuita no canal do músico Felipe Antunes no YouTube.
- Bar Opinião (José do Patrocínio, 834) recebe edição de março do Rock n' Bira no sábado, às 23h. Banda autoral Voluttá e tributos a System Of A Down, Pearl Jam, Foo Fighters e Pitty. R\$ 119,00 (com *open bar*) no Sympla

- Casa de Cultura Mario Quintana (Andradas, 736) promove baile infantil com entrada franca. A partir das 14h deste sábado, no 5º andar da CCMQ.
- Andrea Barrios e Caren Schultes Borges em bate-papo no Café Fermata29 (Santa Terezinha, 29) com o tema *As personagens femininas de nossas vidas*. Sábado, 16h30min, livre.
- Grupo Ueba e Cia Teatro Lumbra realizam espetáculos teatrais no Centro Cultural Moinho da Cascata (Henrique Riboldi, 69 - Caxias do Sul). Sessões neste sábado e domingo, às 17h.
- Circuito de Música Afro e Indígena Contemporânea encerra neste final de semana. Sábado, no Teatro Caxias do Sul (Moreira César, 2462 - Caxias do Sul) e domingo, no Teatro Sesc Gravataí (Anápio Gomes, 1.241 - Gravataí), sempre às 20h. Entrada franca.
- AC/DC All Stars Tribute, com a participação de Marcelus (Motorocker), toca clássicos da banda australiana. Domingo, 19h, no Opinião. A partir de R\$ 50,00, no Sympla.

# reportagem cultural

## “Quero cantar coisas novas e tudo está muito velho”

Juarez Fonseca, especial para o JC

Quando voltou a Porto Alegre, em 1979, com o show do disco *Essa Mulher* (primeiro pela gravadora Warner), Elis estava insatisfeita. Entre outras coisas, não concordava com o volume de trabalho exigido pela gravadora. Queixava-se de estar vivendo em corredores - de aeroportos, de aviões, de ônibus, de hotéis, de teatros. Era outubro. Em julho ela se apresentara em Bruxelas, no Festival de Montreux e em Tóquio. Em agosto, começara a turnê de *Essa Mulher*, que só terminaria em dezembro, um show atrás do outro.

No apartamento do Hotel Plaza eu a esperava arrumar-se para descermos ao saguão quando o telefone tocou. Era a babá de seus filhos. Ela atendeu já com lágrimas nos olhos. “Como é que tá o João? Mais calmo? E o Pedro, tá comendo direito? E a minha filha? Ah, meu Deus, tanto tempo para ter uma filha e não poder ficar perto dela... Olha, segunda-feira a gente está aí. Pra jantar.” César fazia palavras cruzadas e comentou que a barra estava mesmo pesada por causa de tanta estrada e as saudades de casa.

Fizemos a entrevista. Não foi uma conversa leve, claro. Lembrei da frase usada como título da entrevista de cinco anos antes. Ela emendou: “Se em 74 eu disse ‘tô legal’, em 79 digo ‘não tô legal’. Tô carente pra burro”. A frase “Não tô legal”, seria o título da nova matéria. Nos despedimos, Elis sublinhou o tchau repetindo a antiga intenção, agora acrescida de uma



Elis Regina fotografada por Juarez Fonseca em 1977, no saguão do hotel Plaza Porto Alegre

interjeição: “Vamos ver se nos escrevemos, porra!”. Ela gostava de escrever e receber cartas. De novo não nos escrevemos. E o que viria a seguir não mudaria muito os tons dessa barra.

Em setembro de 1981 estávamos mais uma vez frente a frente. Eu e outros. Coletiva no Hotel Embaixador para promover o show *Trem Azul*, primeiro dela no Gigantinho, novos tempos de uma apresentação só em grandes lugares, pressa, números falando cada vez mais alto... A entrevista foi chata e burocrática como todas as coletivas. Fiz poucas perguntas, pois uma repórter pautada pela redação insistia em misturar banalidades tipo revista *Amiga* com política do tipo estudantil. Elis fez força para parecer simpática nas respostas,

nem sempre conseguindo.

Encerrado o “expediente”, me convidou para subir ao apartamento. Estava para chegar seu namorado. Parceiro em dois filhos e grandes momentos musicais, César Mariano não havia mais. Agora havia Samuel, um advogado paulista. Depois de criticar entrevistas coletivas disse que preferia conversar comigo sozinha. Liguei o gravador. E ela não foi nada *light*, despejando uma pilha de problemas, mergulhada em pendengas com gravadoras.

“Estou de saco cheio. De música e de muitas outras coisas. Já dei inclusive uma parada de seis meses, embora ache que parar não seja solução para crise nenhuma. A solução é arregaçar as mangas e ir em frente. Mas o negócio é que

estou cansada de buscar e não encontrar. Quero cantar coisas novas e está tudo muito velho. Às vezes acho que os compositores não se deram conta de que muitas coisas se modificaram no Brasil.”

Só para lembrar, 1981 foi o ano do atentado à bomba no Riocentro, sublinhando os estertores da ditadura. O que está acontecendo?, provoco. “Em 1979, quando sai para fazer uma maratona de cinco meses com o show *Essa Mulher*, deu para ver a grande diferença entre o Brasil que eu imaginava e o Brasil que existe realmente. A gente que tem sensibilidade um pouco mais aguçada sente o que pode acontecer, o que nos espera. O descenso econômico, o empobrecimento, a miséria que se abateu sobre o país mais cedo ou mais tarde podem dar uma catástrofe.”

Sim, eu já conhecia razoavelmente bem Elis para entender seus altos e baixos. Dependendo do momento, ela podia estar eufórica, feliz, terna, otimista; ou estar

amarga, irritada, agressiva, sem esperanças. Por isso, as pessoas que não a conheciam bem dividiam-se entre as que a consideravam antipática e as que eram conquistadas por ela. As que a conheciam sabiam que não havia contradição, que essa estável instabilidade era uma característica de seu temperamento e faziam a unidade viva da pessoa, da artista, da cidadã.

Mas naquele dia ela conseguiu me surpreender. Me detenho um pouco nesse dia, que seria o último, porque imagino ter sido esta sua mais contundente entrevista. O editor da Revista ZH não quis publicar, disse que parecia uma pessoa drogada. Ofereci ao CooJornal, que chamou o texto na capa: “*Dramas de Elis*”. O título interno foi “*A face oculta de Elis Regina*”. Não sei se ela já estava usando cocaína (fato revelado na morte) e nem isso me passou pela cabeça enquanto conversávamos. Certo é que me impressionou com sua ênfase.

“Eu estava me sentindo um pouco sem alternativas. Mas acho melhor deixar pra lá, porque senão vou ter que botar quatro velas aqui, fazer um velório, e não tô a fim. Isso começou faz tempo, e as coisas estão tão interligadas que nem vale a pena a gente falar... Olha, depois de *Saudade do Brasil* foi só uma arruação, uma coisa cheia de picuinhas. Em março eu estava firmemente decidida a abrir um bar, pros amigos tocarem e de vez enquanto eu ainda cantar. Mas parar com aquela merda, porque eu não aguentava mais.”

Parar de cantar? Abrir um bar?

“Às vezes a gente tem ideias malucas, mas a gente não é louco. Eu sou louca de parar de cantar? Eu morro! Mas juro que pensei nisso, porque não queria mais ouvir falar aquelas histórias todas. Música, gravar, televisão, disco, arghh!; eu entrava em pânico e me fechava no quarto. Era uma crise braba, séria, pesadona. De me passar pela cabeça a ideia de suicídio e tudo, coisa que eu nunca havia pensado na vida. Felizmente hoje já estou legal, mas o trabalho de desobstrução foi lento.”



Elis Regina ao lado do Conjunto de Norberto Baldauf, em Tramandaí, em 1963



Elis e César Camargo Mariano fotografados por Juarez Fonseca em 1977

# Zuza: “Pressenti que algo histórico estava começando a acontecer”



Elis Regina no show *Trem Azul* em Belo Horizonte, 1981

No sábado 19 de setembro de 1981, dia do primeiro show no Gigantinho, Elis parecia outra pessoa. Deu ao público uma apresentação impecável, ágil, renovada, quente e afetiva. Calçava botas e a saia era uma estilização do chiripá gaúcho. Nos camarins, depois, estava alegre, abraçando as pessoas, querendo saber o que tinham achado. Levei minha filha Lis, de cinco anos, para conhecê-la. Eu estava chateado pelo público, umas 5 mil pessoas, pequeno para o ginásio. Ela nem falou disso. Pegou no colo, estalou um beijo na bochecha de Lis e me pediu desculpas pelo “baixo astral” da entrevista. “Faremos outras melhores”, prometeu.

Certo dia, chega à redação uma carta para mim, com data de 21 de setembro, postada na agência dos Correios da Rua Haddock Lobo, em São Paulo. Começava assim: “Gostei muito de ter te reencontrado. Pode crer! Achei tua filha linda. E sugiro um acordo entre famílias: guarde-a para Pedro. Rapaz simpático, louro, gente fina e com bom dote. A mãe garante! E deverá ser bom de cama, suponho. Tem bom ‘instrumental’, é cheio de doçura e meiguice e gosta de um beijo na orelha...”

Em 19 de janeiro de 1982 eu e minha filha estávamos em Garuva, cidadezinha do nordeste de Santa Catarina. Passávamos uns dias de férias na casa do padrinho dela, Jaime. À tardinha fui para o banho. Logo Jaime bate na porta. “O Jornal Nacional está noticiando a morte da Elis Regina”, disse, sobresaltado. Só acreditei vendo na TV as filas diante do caixão no palco do teatro. A morte de Elis me acentuou velhas questões íntimas sobre as propaladas objetividade e imparcialidade que o jornalista deve ter. Onde começa e onde termina cada uma? No caso de Elis, não corri à redação para fazer o “caderno especial”.

Para falar a verdade, ainda

não me recuperei. No início, passei um tempão sem ouvir seus discos. Vamos dizer que tenha me sentido traído por morte tão precoce. Cada vez que a ouço dar uma gargalhada, como nos discos do programa *O Fino da Bossa*, no qual, aos 20 anos, ela revolucionou a MPB, pensava nisso. Cada vez que a ouço cantar *Atrás da Porta*, *Retrato em Branco e Preto*, *Águas de Março*, *As Curvas da Estrada de Santos*, *O Bêbado e a Equilibrista*, *Como Nossos Pais*, *Tatuagem*, *Gracias a La Vida*, penso nisso.

Diziam que ela não gostava da bossa nova. Ora... A malharam porque malhara o tropicalismo. Ora... E que criticara Roberto Carlos e depois o gravara. Ora... Quanto tempo se perdeu acentuando suas contradições, em vez de acentuar que era genial exatamente por ser contraditória, inconstante, inquietada, inconformista, iconoclasta, mutante, e que por tudo isso, mais aquela voz, e o bom-gosto, e a atitude, nunca houve outra igual. O saudoso jornalista Zuza Homem de Mello (1933-2020), que era técnico de som n’*O Fino da Bossa*, diz que na tarde da estreia, 17 de maio de 1965, resolveu que iria gravar o programa e guardar as fitas.

“Tive o pressentimento de que algo histórico estava começando a acontecer na nossa música”, lembra Zuza. Quando a ouviu ao lado de mestres como Caymmi, Adoniran, Ciro Monteiro, Ataulfo Alves, entrevistando-os e cantando com eles como se fosse a coisa mais natural do mundo para uma garota de 20 anos, recém-chegada do Rio Grande do Sul, Zuza ficou tão impressionado que só encontrou uma comparação: “Pensei em

quando assisti ao surgimento de Pelé”.

E sobre a gargalhada de Elis, o que me dizem? Ela entrevistando Adoniran Barbosa n’*O Fino*. Ele conta aquelas histórias e ela morre de rir. Ele anuncia que vai cantar a música *Um Samba no Bexiga*. Ela pergunta: “O que é Bexiga?”. Risadas gerais no auditório. Ela justifica: “Eu não sou daqui, tenho direito de querer saber”. Claro, chegara a São Paulo dias antes, depois de um ano de “escala” no Rio, onde era considerada meio estrangeira. “O gaúcho é menos dotado de escudos”, comentou, bem mais tarde, em Porto Alegre. “Nossas frases são mais secas, mais incisivas. Eu tive muitas dificuldades por ser daqui. Muitas vezes não fui bem compreendida.”

Na última entrevista, me

to Gonçalves, uns muros de pedras empilhadas, umas águas que passavam no meio da relva, essas coisas. Eu gosto muito do Rio Grande do Sul, embora aqui também tenha muita coisa de que não gosto.”

Mas a viagem foi outra, exatamente quatro meses depois do último show em Porto Alegre. E volta e meia eu releio a carta que me mandou. Continuava: “Vê se a gente encontra um espaço pra se escrever ou telefonar. Vamos parar com essa besteira de que o país é imenso, que quase sempre estamos ocupados e que bom mesmo é um canto silencioso, alguns livros, discos e nada mais... O ser humano nasceu pra tribo, pra troca, pra convivência, pruns abraços, pruns carinhos e pra gostosura de estar sempre no meio de gen-

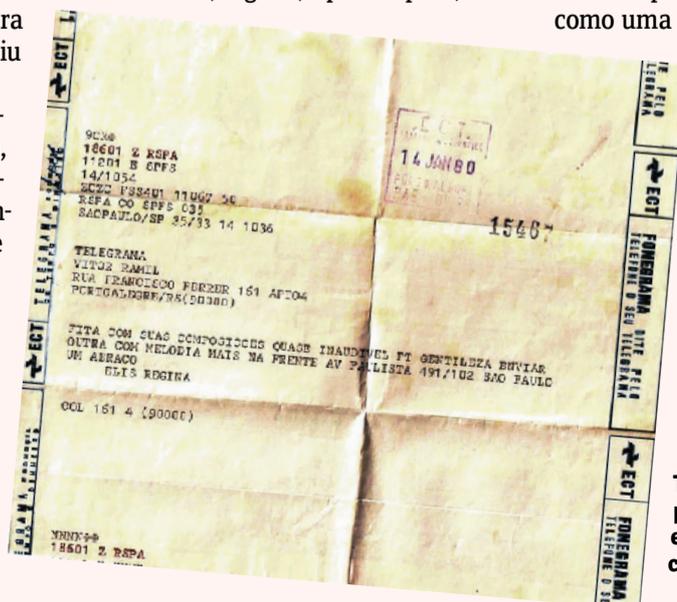
ARTE DE ALEXANDER DESMOUCEAUX SOBRE FOTO DE JUAREZ FONSECA/ESPECIAL/JC



disse que sonhava com umas férias viajando de trailer pelo interior do Rio Grande do Sul. “Quero ver uns buracos por onde andei cantando algumas vezes na vida e dos quais tenho imagens guardadas da cabeça. Tomara que não tenham mexido muito nesses lugares, mas é provável que eles também tenham dançado.” Que lugares? “Ah, alguns, tipo Guaporé, Ben-

te semelhante e/ou amiga. O resto é mentira inventada pelo capitalista pra forçar isolamento, concentração no trabalho e abstração do prazer de viver a vida plena. (...) Até qualquer hora, prum abraço e um olho no olho. Até sempre. Elis.”

E eu não respondi à carta. Tive quatro meses para fazer isso e não fiz. Mas já não sinto tanta culpa. Penso em Elis hoje como uma irmã, ou como uma deusa da música. E como uma avó que estaria levando os netos para o palco com ela, cobrando empenho deles...



Telegrama de Elis para Vitor Ramil: ela cogitava gravar compositores gaúchos

## Na memória de Ary Rego, que a revelou

“Eu e o Rui Silva, pianista do Clube do Guri, estávamos ensaiando quando a Elis apareceu. No início era só mais uma, entre as 400, 500 crianças e adolescentes que passavam pelo programa. Durante uns meses ela se apresentou com alguma frequência. Mas demorou cerca de um ano para se tornar um destaque. E foi com muito trabalho: era a que mais ensaiava, a mais exigente. Até na escola era a mais atuante e participativa. Minha esposa, que foi sua professora na Escola Dom Diogo de Souza, dizia-me que as redações dela eram lindas, sempre tirava notas altas. Tinha uma personalidade muito forte. Aliás, para sair da província com 18 anos e se tornar uma grande estrela, tem que ter mesmo.”

Ary Rêgo (1918-2007) foi o apresentador, na Rádio Farroupilha, nos anos 1950/60, do programa *Clube do Guri*, onde Elis começou a cantar. Depoimento dado em 2002.

## Livros sobre Elis

- ▶ **Elis Regina**, de Zeca Kiechaloski (Coleção “Esses Gaúchos”, Editora Tchê/RBS, 1985)
- ▶ **Furacão Elis**, de Regina Etcheverria (Editora Nórdica, 1985; edição revista e ampliada, Editora Globo, 1994)
- ▶ **O Melhor de Elis Regina – Melodias cifradas para guitarra, violão e teclados**, de Luciano Alves (Editora Irmãos Vitale, 2000)
- ▶ **Elis Regina por Ela Mesma** – Livro-clipping de Osny Arashiro (org), (Editora Martin Claret, 2004)
- ▶ **Elis Regina – Nada Será Como Antes**, de Julio Maria (Editora Master Books, 2015; edição revista, atualizada e ampliada, Companhia das Letras, 2025)
- ▶ **Elis – Uma biografia musical**, de Arthur de Faria (Arquipélago Editora, 2015)
- ▶ **Elis e Eu – 11 anos, 6 meses e 19 dias com minha mãe**, de João Marcelo Bôscoli (Editora Planeta, 2019)



**Juarez Fonseca** é jornalista militante na área da Cultura, especialmente a música, com 50 anos de carreira.

# nas telas

## Ficção científica com estética vintage

Em *Máquina do Tempo*, ficção científica dirigida por Andrew Legge, as irmãs Thomasina e Martha desenvolvem uma criação inovadora: um aparelho capaz de captar transmissões de rádio e televisão vindas do futuro. A invenção abre caminho para descobertas culturais – como a antecipação do movimento punk – mas logo se revela útil em outro contexto. Durante a Segunda Guerra Mundial, o

equipamento é usado para fins táticos, alterando o curso dos acontecimentos. Produzido com câmeras e lentes originais dos anos 1930 e revelado em um tanque soviético de 16mm, o filme adota o estilo *found-footage* – termo que designa obras que simulam imagens gravadas pelos próprios personagens – conferindo ao público a sensação de estar diante de registros reais da época.



*Máquina do Tempo* é ficção científica ambientada nos anos 1930

## Romance tropicaliente de verão

Mais novo projeto do diretor cearense Allan Deberton, *O Melhor Amigo* se propõe a ser um romance tropicaliente, embalado por *hits* das décadas de 1980 e 1990. Frustrado com seu atual relacionamento com Martin (Léo Bahia), que adora grandes declarações de amor, o jovem arquiteto Lucas (Vinícius Teixeira) decide viajar para espairer. Mas,

mais do que um cenário paradisíaco, em Canoa Quebrada Lucas reencontra uma antiga paixão de faculdade, o sedutor Felipe (Gabriel Fuentes). Entre questões mal resolvidas do passado e novas possibilidades para o futuro, Lucas embarca em uma jornada musical, capaz de revelar descobertas importantes sobre si mesmo.

## Vencedor do Oscar de melhor documentário

Vencedor do Oscar 2025 de melhor documentário, o longa palestino *Sem Chão* é um retrato das relações conflituosas entre Israel e Palestina, a partir do olhar de um coletivo de cineastas e ativistas. No documentário, Basel Adra, um ativista palestino, registra há 20 anos sua comunidade, Masafer Yatta, sendo ocupada por Israel. No processo, ele acaba construindo

uma improvável aliança com o jornalista israelense Yuval Abraham, que também defende a causa. A amizade entre os dois traz elementos quase filosóficos, ao mesmo tempo que é incapaz de eliminar as diferenças entre ambos: enquanto Basel vive o peso da ocupação militar israelense, Yuval vivencia a liberdade e confortos urbanos em Israel.

# palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

|  |                                    |                                       |  |   |
|--|------------------------------------|---------------------------------------|--|---|
| Medicamento considerado pela OMS como ineficaz no tratamento da covid-19 | Garantia de correntistas           | Conformidade com o dogma católico     | "Vida (?), ninguém vai nos perdoar", trecho de "Vida Louca Vida" (MPB) | Artista plástico português, um dos grandes mestres da arte naïf do Brasil |
| Que não se concentra no que faz (fem.)                                   | Local do happy hour, na Inglaterra | Efeito da mistura de cores diferentes | "Alea jacta (? )", palavras de César                                   | Símbolo do norte, na rosa dos ventos                                      |
| Lugar de repouso ou abrigo (fig.)  | Texto anexo a um pedido judicial   | Antigo capacete                       | (?) Khameini, Líder Supremo do Irã                                     | Inspira namorados e poetas  |
| Diretor-executivo de empresa   | Órgão estimulado pelo diurético    | Exultar para humilhar o derrotado     | Mariana (?), atriz e cantora mineira                                   | Ritmo musical dos versos falados  |
| Berço da civilização etrusca (Ant.)                                      | Matéria-prima de moedas (símbolo)  | Volta (gíria)                         | Sistema de saúde   | Órgão de defesa dos direitos do músico                                    |
| (?) digital, efeito da democratização do acesso à tecnologia             | A questão mais antiga da Filosofia | Certificação perseguida por empresas  | Ver, em inglês   | Auxiliar do Estado nas ações sociais                                      |
| Alimento da cigarra  | Vale-refeição (abrev.)             | Sonda que estudou o asteroide Eros    |  |   |
| Alongado (um prazo estabelecido)   |                                    |                                       |  |   |

BANCO 3/ceo — est — pub — see. 4/ near. 14/antônio poteiro. 6

## #FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinacoquetel.com.br

Assine agora! Acesse nosso site!

COQUETEL

### Solução

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| O | D | V | G | O | R | R | O | R | P |
| R | V | E | N | V | A | V | I | S |   |
| I | C | O | S | I | R | H |   |   |   |
| E | S | E | D | U | V | A | V |   |   |
| T | O | V | S | A | C | L | T | N | I |
| O | I | R | G | I | R | P | N | I |   |
| P | R | V | A | V | I | T | A | I |   |
| O | U | I | M | R | I | B | C |   |   |
| I | L | V | X | T | X | C | N |   |   |
| N | S | B | O | E | L | W | O |   |   |
| O | D | N | E | V | I | R |   |   |   |
| T | S | E | O | Ç | A | R | E |   |   |
| N | W | M | T | O | I | V | I |   |   |
| V | A | S | I | V | A | D | I |   |   |
| A |   |   |   |   |   |   |   |   |   |

## horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

**♈ Áries:** Usando os recursos de maneira inovadora você terá mais liberdade diante dos obstáculos a que está submetido. Mude a configuração das situações e os problemas se soltam.

**♋ Câncer:** Os grandes amigos se fazem presentes em sua vida, e o entendimento com eles é algo para lá de especial. Ao lidar com dinheiro, veja que as intenções são maiores que o bolso.

**♎ Libra:** A atividade profissional divide-se entre os bons apoios que chegam na hora certa, quase como magia, e os planos que não avançam porque a organização não está bem feita.

**♉ Touro:** Um dia de feliz entendimento com as pessoas a sua volta, inclusive formando alianças e acordos muito proveitosos. Você tem agora um alto magnetismo em sua comunicação.

**♌ Leão:** As situações mais críticas no trabalho são também as que trazem as soluções mais brilhantes. Enfrente as crises e tudo se modificará para melhor neste dia.

**♏ Escorpião:** Urano em harmonia com o Sol fala de disposições renovadas quanto ao pensamento e do quanto essa abertura da mente o aproxima das pessoas. Seja mais criativo no amor.

**♏ Capricórnio:** As relações afetivas vivem clima de liberdade quanto aos sentimentos e as suas manifestações. Hoje você pode vir a conhecer novas faces da pessoa amada.

**♊ Gêmeos:** Um dia oportuno para pagar o preço certo por sua liberdade, o que pode se dar de muitas maneiras. Não meça sacrifícios em nome de um preço justo por tudo aquilo que quer.

**♍ Virgem:** As visões do futuro tendem a ser brilhantes e altamente atraentes. Seus relacionamentos ganham muito ao terem um projeto que os alce para novos horizontes e possibilidades.

**♒ Aquário:** As rotinas domésticas tendem a lhe agradar bem mais e você quer contribuir até materialmente para o bem estar familiar e as melhorias em seu lar.

**♐ Peixes:** A comunicação tresloucada e fora do senso comum resulta na expressão do que de mais essencial tem a dizer. Nada de meias palavras, é tempo de falar o que precisa ser dito.



Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

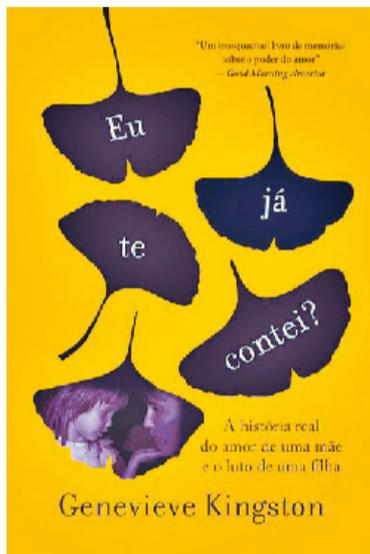
## O amor materno e a importância da memória

*Eu já te contei?* (Editora Intrínseca, 304 páginas, R\$ 59,90, tradução de Natalie Gerhardt) é o pungente romance de estreia de Genevieve Kingston, formada em linguística e teatro pela Universidade de Berkeley, Califórnia e com mestrado em atuação pela Brown University. A história, em síntese, celebra o amor materno e a importância da memória ao narrar a perda da mãe, dias antes da autora completar 12 anos de idade.

Genevieve emocionou milhares de leitores com o relato *She Put Her Unspent Love in a Cardboard Box*, publicado na coluna *Modern Love* no *The New York Times*, e aí resolveu escrever *Eu já te contei?*, onde narra a história de sua vida, marcada pela morte precoce da mãe para um câncer agressivo. Sabendo que não veria os filhos crescerem, a mãe de Genevieve deixou dois baús cheios de cartas, presentes e fitas cassete que

a representariam nos marcos que perderia na vida. Carteira de motorista, formatura, aniversários até os 30 anos, entre outros momentos importantes da vida foram pensados pela mãe. A mãe também instruiu familiares, amigos, colegas de faculdade, seu ex-namorado e sua terapeuta a responderem perguntas que os filhos fariam sobre seu passado. Tudo com muita honestidade, para que os filhos a conhecessem de verdade e pudessem construir memórias sobre ela.

Genevieve teve momentos difíceis que nem mesmo a mãe poderia prever, como a distância do irmão, o segundo casamento do pai e a morte dele anos depois. Os presentes deixados pela mãe funcionaram como um porto seguro. Com o passar do tempo o baú foi ficando mais leve, as cartas e os presentes chegando ao fim, mas Genevieve seguiu descobrindo a mãe.



“Nada me deixaria mais feliz do que saber que vocês seguiram em frente e foram felizes. Isso é a melhor coisa que vocês podem fazer em minha homenagem”. Palavras que sintetizaram o imenso legado da mãe que se foi e não se foi muito cedo.

## e palavras...

### AFETO E ARQUITETURA ENTRE O CLÁSSICO E A MODERNIDADE

*Armando Boni - Entre o Clássico e a Modernidade* (Publicato, R\$ 92,00), livro organizado pela arquiteta e urbanista Flávia Boni Licht, neta do grande arquiteto italiano, com revisão da consagrada escritora e jornalista Lelei Teixeira, será lançado em 28 de março, às 19h, no IAB-RS (rua General Cananarro 383). A obra já nasce referencial sobre a importância da cultura arquitetônica italiana na construção de residências e prédios comerciais em Porto Alegre e tomara inspire outras iniciativas, como, por exemplo, a obra *Estrutura de Luz e Sombra*, resultante da dissertação de mestrado da arquiteta Gicelda Weber Silveira sobre o Cemitério São Miguel e Almas, projeto de Boni.

A primeira parte da obra escrita por Flávia Boni Licht é uma bela biografia afetiva do ousado, audacioso, romântico, divertido e profissional imigrante italiano que chegou em Porto Alegre em 1910, onde formou uma grande família, foi professor universitário e arquiteto de muitas obras que até hoje encantam os olhares de nós todos, como o Palacinho da Cristóvão Colombo e a Casa Boni na Marquês do Pombal. Histórias e fotos da família mostram Armando viajando a cavalo de Caxias a Antônio Prado, andando de barco, jogando xadrez, tocando violão e convivendo com a família. Flávia mostra a importância da família, dos afetos e dos estudos sobre seu marcante avô, que tornou Porto Alegre mais bonita e elegante, dando-lhe toques artísticos típicos da

terra de Dante.

No primeiro capítulo do livro o arquiteto e urbanista Luiz Antônio Bolcato Custódio fala da história de Porto Alegre e de obras importantes como o Chalé da Praça XV, a Santa Casa e o Teatro São Pedro.

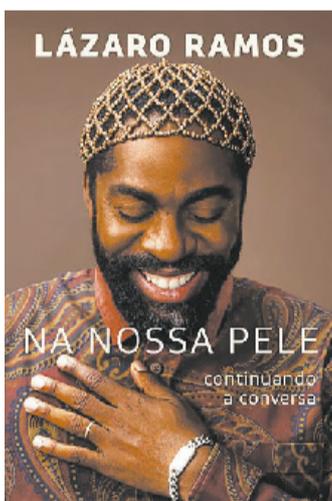
No segundo capítulo, o professor, arquiteto e urbanista Maturino Salvador Santos da Luz fala do antigo Auditório Araújo Vianna, na Praça da Matriz, que contou com o trabalho de Boni no projeto e na construção.

No capítulo seguinte, a arquiteta e urbanista Gicelda Weber Silveira fala sobre o projeto do São Miguel e Almas, projeto de Boni que é um cartão postal de nossa cidade, por suas qualidades plásticas e históricas.

Lucas Bernardes Volpato, arquiteto, urbanista e professor conta, no capítulo seguinte, sobre o lindo projeto de Boni do prédio da Livraria do Globo, na Rua dos Andradas. Renato Gilberto Gama Menegotto e Carlos Renato Savoldi, arquiteto e urbanista, no capítulo seguinte fala das casas de Armando Boni: a dele na Marquês do Pombal, a dos Corbetta na Barão de Santo Ângelo e a de Santo Meneghetti, o Palacinho da Cristóvão. Fabio Boni, arquiteto, professor e urbanista, neto de Armando Boni, fala da casa de Boni na Marquês do Pombal.

Nas páginas finais são apresentados currículos dos autores e autoras e uma interessante linha do tempo desde o nascimento de Boni, em 1886, até sua morte em 1946, com dados de Boni e de fatos históricos relevantes.

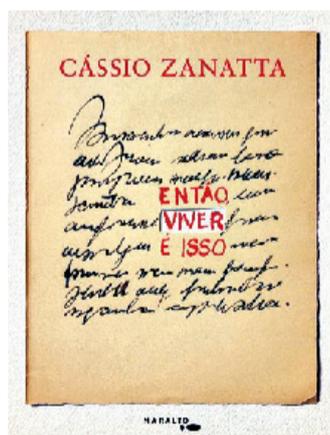
## lançamentos



► **Na nossa pele - continuando a conversa** (Objetiva, 132 páginas, R\$ 69,90), de Lázaro Ramos, ator, apresentador, diretor e escritor, retoma o diálogo iniciado com o *best-seller Na minha pele* e amplia a conversa abordando experiências e aprendizados comuns. Ele fala da mãe, de intimidade, de diversidade e temas complexos, convidando a todos para refletir sobre suas vidas.



► **Marxismo Racial – O que está por trás da teoria crítica da raça** (Avis Rara, 320 páginas, R\$ 59,00), de James Lindsay, matemático, comentarista político e autor do *best-seller Teorias Cínicas*, nesta obra encara um dos temas mais polêmicos e populares da atualidade. Ele convida a uma análise profunda e reveladora dessa ideologia.



► **Então viver é isso** (Maralto, 176 páginas, R\$ 59,90), do escritor, revisor, publicitário e diretor de criação Cássio Zanatta, coletânea de crônicas com ilustrações de José Carlos Lollo, com olhar sensível, ironia e humor, mostra momentos cotidianos se tornando reflexões sobre nostalgia, saudade, simplicidade, morte e a persistência da esperança.

## a propósito...

A obra sobre Armando Boni veio em momento mais do que adequado e deve ser muito festejada. Neste ano celebramos 150 anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, e esse registro mostra como as artes e ofícios italianos trouxeram para Porto Alegre e o Estado a criatividade, o engenho, a cul-

tura e a arte da Itália, uma país que sempre se notabilizou por prestigiar a beleza, a utilidade e a busca por uma existência mais divertida. Com suas obras, sua família, memórias e construções, Armando Boni vive. As pessoas só se vão realmente quando ninguém mais lembra delas. **(Jaime Cimenti)**

## pensando cultura

# Natiruts se despede do público gaúcho

Amanda Flora

O Natiruts está de volta aos palcos da Capital com a turnê *Leve com você*, inspirada na canção homônima da banda e que já deixa um recado aos fãs. “Nossa ideia foi justamente deixar um sentimento para a galera. Levar esse nosso legado adiante e deixar guardado no coração”, afirma Luis Maurício, baixista da banda e um dos fundadores do grupo. Mais do que uma série de shows, essa turnê de despedida promete ser uma experiência sensorial, misturando música, arte e mensagens de positividade que celebram os quase 30 anos de história do Natiruts no reggae nacional.

O show acontece neste sábado, no estádio Passo d’Areia (R. Padre Hildebrando, 1.100). A casa abre às 19h e os ingressos podem ser comprados através do site Eventim. Preços variam entre R\$ 85,00 e R\$ 340,00.

Segundo Luis Maurício, um dos dois integrantes clássicos da banda ao lado do vocalista Alexandre Carlo, a proposta é criar um ambiente onde a conhecida energia do reggae transcenda o palco e envolva o público. “Cada show foi pensado como um momento de conexão. Queremos que as pessoas sintam a vibração das canções, que saiam dali renovadas, levando essa energia consigo”, destaca.

O repertório mescla grandes sucessos como *Quero ser feliz também*, *Sorri, sou rei* e *Natiruts reggae power* com músicas mais recentes e algumas surpresas do tipo ‘Lado B’, reservadas aos fãs mais antigos.

Além da música, a turnê *Leve com você* também aposta em um cenário envolvente, que combina projeções, iluminação dinâmica e elementos visuais inspirados nas paisagens e nas cores vibrantes da cultura reggae. “Não é só um show, é um encontro de boas energias. Queremos que as pessoas saiam dali transformadas, levando com elas a mensagem de amor e positividade que sempre defendemos, que o reggae defende”, afirma Luis.

Outro ponto alto da turnê é a interação com o público. A banda tem preparado momentos especiais para aproximar ainda mais os fãs, incentivando a participação dos espectadores num show de 2h30min de duração. “A ideia é que cada pessoa se sinta parte desse movimento, espalhando



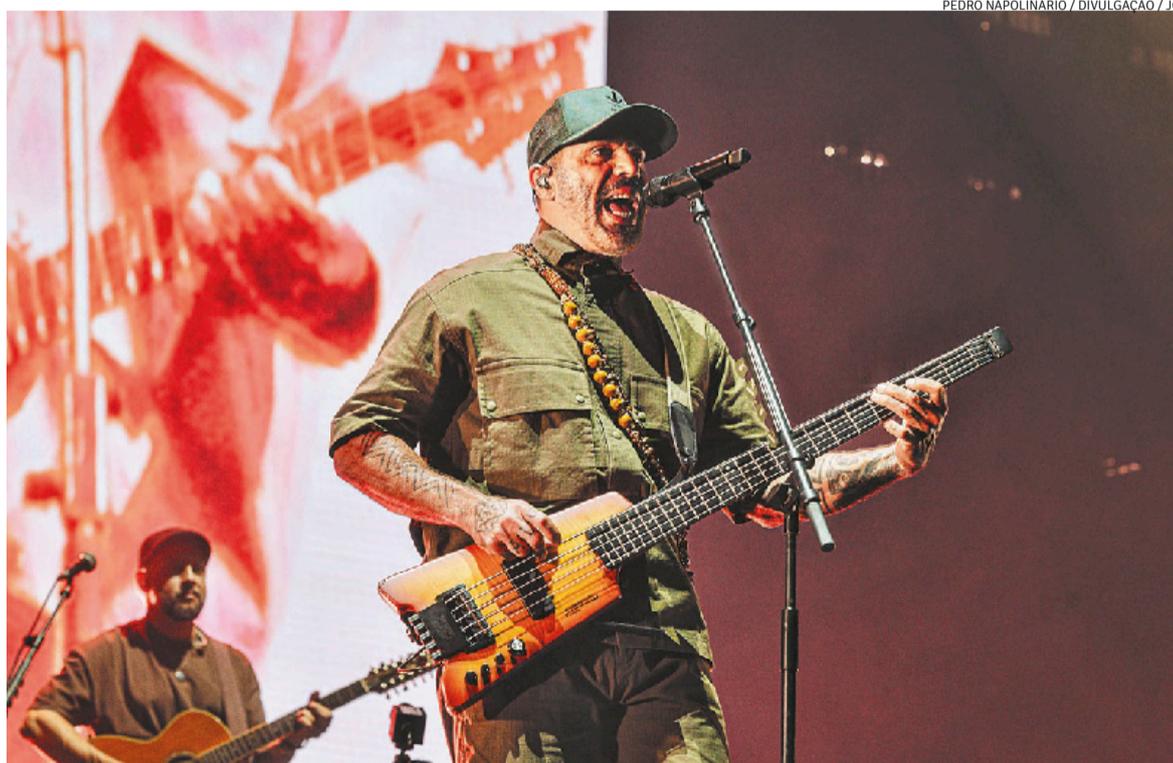
Luis Maurício e Alexandre Carlo se apresentam no Estádio Passo D’Areia neste sábado, em um adeus que se propõe a unir gerações com a energia do reggae

essa energia”, explica o baixista.

Ainda segundo Luis, a turnê também proporciona um contato com as novas gerações. Isso porque os fãs mais velhos levam filhos e até netos para curtir os últimos shows do Natiruts. “Por ser uma turnê de despedida, tem sido a oportunidade de muita gente levar os filhos. A geração que cresceu ouvindo o nosso som por conta dos pais, agora tem a possibilidade de nos ver ao vivo. Você vê uma família completa, todos juntos curtindo o Natiruts.”

Porto Alegre tem um significado especial para o Natiruts, por ser palco de momentos marcantes na trajetória do grupo. Desde os primeiros shows na capital gaúcha, a recepção calorosa do público fortaleceu o vínculo do grupo com a cidade, que sempre esteve presente nas principais turnês da banda. “Tocar em Porto Alegre é como reencontrar velhos amigos. A energia do público daqui é única, e isso transforma cada apresentação em uma experiência inesquecível”, comenta.

Os gaúchos conheceram o



“A ideia é levar esse nosso legado adiante e deixar guardado no coração”, afirma Luis Maurício

Natiruts na década de 1990, nas praias de Santa Catarina. Em tom de curiosidade, Luis explica que as pessoas trocavam fitas cassetes com músicas da banda, o que

torna essa relação da banda com a cidade ainda mais especial. “Lembro que um dos primeiros lugares que a gente foi tocar fora de Brasília foi justamente Porto

Alegre. E tivemos uma surpresa absurda, porque a gente encheu o Araújo Vianna. Muito amor e gratidão para todo o público gaúcho”, finaliza.

PEDRO NAPOLINÁRIO / DIVULGAÇÃO / JC

PEDRO NAPOLINÁRIO / DIVULGAÇÃO / JC